

CONSTRUINDO A "NOSSA QUEBRADA": RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO E TERRITORIAIS PRODUZINDO LUGAR E MEMÓRIA NO BAIRRO PAULISTANO DO BEXIGA

Adriana Casarotto Terra¹

RESUMO

O artigo aborda a complexidade de experiências que constrói cotidianamente o bairro paulistano do Bexiga, disputando uma identidade de centro – ou de lugar-produto, sem contradições – forjada para a cidade. O texto nasce de pesquisa acerca das relações de pertencimento locais, feita a partir de entrevistas qualitativas com moradores, observação participante e da articulação de referências da literatura dos estudos urbanos e dos Estudos Culturais. Observou-se que as sociabilidades, as percepções do espaço e as maneiras de viver existentes ali tensionam narrativas hegemônicas, sugerindo caminhos para enriquecer a memória local e também para enxergar melhor tanto a pluralidade quanto a desigualdade desse bairro, um dos primeiros pedaços urbanizados de São Paulo. São utilizados na análise os conceitos de tradição seletiva, de Raymond Williams; a discussão sobre multiculturalismo corporativo e crítico trabalhada por Stuart Hall; a ideia de "enganar o olho" de Muniz Sodré; e as noções de espaços opacos e luminosos de Milton Santos.

Palavras-chave: Pertencimento; Sociabilidade; Identidade; Cotidiano; Memória.

INTRODUÇÃO

É um fim de tarde de sábado de 2017 na rua Santo Antônio, no miolo do bairro do Bexiga, em São Paulo, quando diversas pessoas se reúnem em frente a um pequeno bar de fachada decorada com balões, ao redor de uma mesa forrada de doces, salgados e bolo, colocada na calçada. Ao som de artistas novos do forró, crianças brincam na rua, espetinhos são assados em uma churrasqueira, adultos conversam, comem e bebem. Estamos no centro de São Paulo, em um dos primeiros pedaços urbanizados da Cidade, mas a sociabilidade que ocorre ali nem sempre é a sociabilidade que costuma ser

¹ Mestra em Filosofia (Estudos Culturais) pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), SP – Brasil. E-mail: adriterra@gmail.com

lembrada ao abordar esse espaço, ou que costuma figurar no imaginário dominante, nos registros fotográficos, audiovisuais, nos cartões-postais que evocam um centro de São Paulo verticalizado, mais de passagem do que de permanência, ou então localizam o Bairro em uma dimensão ainda muito ligada à sua parte identificada como turística, de influência europeia. Mas é possível entender um bairro só por suas casas, por seu espaço edificado ou pelas narrativas que tiveram mais visibilidade, mais possibilidade de se firmar e constituir memória na Cidade?

Diz Sodré (2002, p. 7) que "estuda-se muito o espaço como algo a ser submetido ou melhor aproveitado (quanto mais se representa intelectualmente o espaço, mais é ele convolado e ocupado por organizações produtivas), mas se deixam de lado as afetações simbólicas que na cultura opera o espaço-lugar, o território, enquanto força propulsora (...)". O artigo se propõe portanto a chamar a atenção para as dinâmicas simbólicas, para o dia a dia e os espaços-lugares do Bexiga, destacando como eles mostram as diversas camadas deste bairro, complexificando-o. Entende-se que centralizar a experiência cotidiana é um caminho para driblar uma tradição seletiva (WILLIAMS, 2011) e uma lógica de "enganar o olho" (SODRÉ, 2002) que ainda operam no local, diante da hegemonia da memória italiana em detrimento, principalmente, da memória da população negra afro-paulistana e da população de diversos Estados, especialmente nordestinos, que migrou desde a metade do século passado para lá, apontando a necessidade de discutir o multiculturalismo presente ali criticamente, enfocando "o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência" (MacLaren, 1997, apud HALL, 2003, p. 53).

O texto é resultado de estudo de campo que envolveu entrevistas com moradores, observação participativa em uma série de eventos, caminhadas com anotações e registros fotográficos por cerca de três anos, realizadas entre 2017 e 2020. Nesse processo, a pesquisa observou como a ideia de centro joga ali com as ideias de bairro, "vila" e "quebrada" que aparecem nos discursos, fazendo referência por vezes às dificuldades existentes no local (aproximando-se da noção de periferia social²: "aqui

² Em investigação sobre o Bairro do Cabula em Salvador, Fernandes (1992) trabalha a ideia de periferia social, que difere da "geográfica": ela simboliza os lugares urbanos em que prevalece uma condição socioeconômica baixa e onde pode haver condições precárias de infraestrutura e habitação.

não é um bairro rico"), por vezes às formas de pertencimento, à constituição de laços, aos relacionamentos com os vizinhos. Esse jogo parece rasurar um projeto de centro onde resistem, mas não são valorizadas, dinâmicas cotidianas residuais e a escala humana, complexificando esse espaço a partir das experiências que se dão nele – "o espaço vivido como revelador das realidades regionais" (FRÉMONT, 1980) –, evidenciando tanto as suas desigualdades quanto os seus elos, fundamentais para a formação da identidade, mesmo diante de um bairro heterogêneo e uma cidade fragmentada.

Imaginários e tradições: cotidiano como rasura

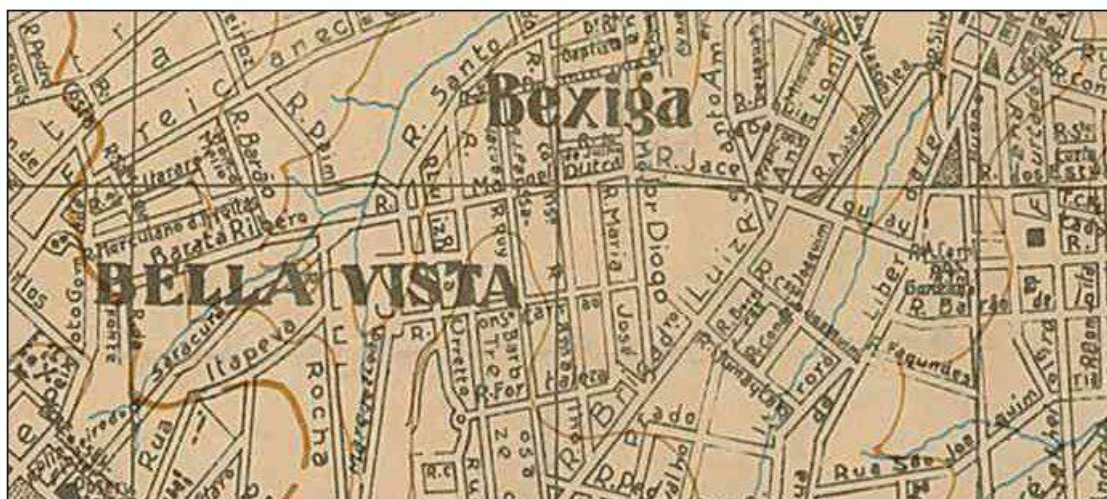


Figura 1 - Detalhe de planta de 1924 de São Paulo mostra região que ficou conhecida como Bexiga, parte do distrito Bela Vista. Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1162. Escala: 1:30.000.

Entre o centro antigo e a avenida Paulista, o distrito da Bela Vista teve em sua formação o envolvimento, em diferentes proporções, de cidadãos africanos, italianos, portugueses, espanhóis, sírios, libaneses, franceses e ingleses, bem como os seus descendentes brasileiros. Pensando o espaço não apenas a partir de sua fundação pelos portugueses³, cabe ressaltar ainda a presença indígena neste local, como em muitas regiões do que hoje é São Paulo. Há, entretanto, uma versão mais notória para a sua

³ Em 1878, Dom Pedro II lança a pedra fundamental que marca a oficialização do distrito.

origem, especialmente quando se refere a área do Bexiga (nomenclatura inicial de toda a região, hoje adotada especialmente para o pedaço originário dela⁴). A história deste como um bairro italiano se tornou hegemônica na imprensa, nas artes, no entretenimento e, por consequência, no imaginário popular. Na década de 1970, iniciativas turísticas e de revitalização influenciaram nisso.

Ao processo que levou essa narrativa a se tornar dominante, aproxima-se aqui o conceito de tradição seletiva. Para Williams (2011, p. 54), toda tradição, em uma cultura e sociedade onde há jogo de forças, depende de uma seleção. Não existe tradição neutra onde há assimetria, desigualdade de poder – mesmo que se trate de poder relativo:

(...) o que, nos termos de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como "a tradição", "o passado significativo". Mas sempre o ponto-chave é a seleção – forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são escolhidos e enfatizados, enquanto outros significados e práticas são negligenciados e excluídos. (grifo nosso)

Parte do primeiro anel de expansão urbana de São Paulo, o Bexiga foi loteado entre o fim de 1870 e 1890, com base nos caminhos dos moradores da Cidade e nos limites espaciais delimitados pelos rios Saracura e Bexiga. Mas um lugar só passa a existir após o seu loteamento? A população negra que vivia ali precedeu a chegada das levas de imigrantes europeus no fim do século XIX. Wissenbach aponta a região como uma "área de ocupação antiga e historicamente demarcada pela existência de redutos de escravos fugidos, forros e africanos livres da época do Império, nos inícios do século" (1998, p. 115-117). Pesquisadores vêm trabalhando cada vez mais a ideia de um quilombo na região próxima à várzea do rio. Não só pesquisadores: o Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Vai-Vai, instituição fundamental para a memória e a identidade afro-brasileira locais, traz essa noção em seus sambas, por exemplo, compondo uma rica dimensão simbólica e afirmativa.

Ao falar do Bexiga, cabe ainda destacar os brasileiros de diversos Estados do Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Maranhão são exemplos) que residem

⁴ Muitas vezes grafado com "i", inspirado pela pronúncia, pela forma falada – e associado a um sotaque ítalo-paulistano –, essa forma se tornou comum a partir da década de 1970, época de iniciativas comerciais e turísticas na região.

ali desde a segunda metade do século XX e ainda pouco figuram na memória e no imaginário do Bairro, embora este também seja um processo que parece estar em transformação: em 2021 foi lançado o documentário "Oxente, Bixiga", sobre a migração nordestina ali. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um salto populacional entre 1950 e 1960 no distrito da Bela Vista, período que marcou a chegada de um grande contingente de cidadãos nordestinos a São Paulo.



Figura 2 - Roda de compositores do Vai-Vai, entre as ruas São Vicente, Cardeal Leme, Lourenço Granato, avenida Nove de Julho, 2017. Foto: Adriana Casarotto Terra

Ao refletir sobre a memória do Bairro é preciso portanto ir além do que foi edificado, das casas e edifícios de influência arquitetônica europeia, e entender o uso das construções características do Bairro pelas diversas pessoas que ali vivem. A noção de "enganar o olho" empregada por Sodré (2002) é pertinente para pensar essa tradição seletiva:

A casa demonstra como "enganar o olho" era uma operação generalizada na sociedade brasileira. Buscava-se a todo custo uma aparência de território metropolitano e de tal intensidade ilusória que

produzisse a convicção do "ser". "Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiraram de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas e europeias, cuja *operação exigia o afastamento do escravos* e onde tudo ou quase tudo era produto de importação (SCHWARZ, 2001, p. 8)". (SODRÉ, 2002, p. 36, grifo nosso)

Sobre essas representações, essa construção de imaginário e mesmo de projeto de cidade, no que se refere à São Paulo, vai dizer Schneck (2018, p. 41):

(...) no decorrer do século XX assistimos à construção de uma certa história na qual alguns estereótipos foram dados como traços determinantes da metrópole: a cidade ordenada (legal e espacialmente) segundo preceitos ideais, visto que resultante de um supostamente correto modelo europeu; a cidade convenientemente branqueada pela presença do imigrante (também) europeu, principalmente o italiano; a cidade cosmopolita, onde a coexistência de diferentes culturas supostamente lhe conferia um caráter democrático e, por extensão, oportunidades iguais para todos; a cidade dinâmica, onde o valor do trabalho, definido pela máxima "São Paulo não pode parar", funcionaria como o motor propulsor do progresso do país; enfim, uma cidade moderna representada pelo espaço público adequado às suas (novas) necessidades e pela arquitetura imponente de edifícios públicos e privados. Contudo, a manutenção desses predicados no imaginário urbano tem como consequência funesta a perpetuação de preconceitos geradores de práticas sociais excludentes. (grifo nosso)

Se as características do Bexiga evocam de fato a presença de muitas culturas, é verdade também que esse multiculturalismo pode ser pensado ignorando as suas contradições, em uma leitura que busca "'administrar' as diferenças culturais da minoria, visando interesses do centro", ou pode ser pensado enfocando "o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência" (MacLaren, 1997, apud HALL, 2003, p. 53) – ou seja, buscando alterar a realidade a fim de proporcionar uma vida digna para todos. Defende-se aqui que, ao não se adotar a segunda opção, faz-se a manutenção de uma tradição seletiva, pois localizar as identidades deve ir além de uma discussão sobre culturas e sociabilidades urbanas, memória e patrimônio cultural, envolvendo também a reflexão sobre ocupação do espaço, infraestrutura e acessos – sobre terra e poder. Embora hoje se fale mais da população negra no Bairro e do multiculturalismo local, isso ainda não se traduz em condições iguais de reconhecimento e possibilidades, por exemplo, como apontaram as entrevistas de campo.

Ainda sobre as representações de cidade, que podemos estender para as representações de centro da cidade, considerando o simbolismo desse centro, Santos (2017, p. 42) vai colocar que "(...) se a Europa e sua população eram perseguidas como sinônimos de civilização, desenvolvimento e progresso, a cidade de São Paulo era vista como a que mais se civilizava, desenvolvia e/ou progredia na Federação, porque supostamente era a que mais se europeizava". Supostamente: a dinâmica do cotidiano, um olhar atento para as brechas da vida urbana mostra que há mais histórias, memórias, camadas a serem descobertas, mesmo diante das constantes tentativas de expulsão, invisibilidade, exclusão, padronização, "modernização" e "progresso" que se deram e dão ao longo da história. Como coloca Sevcenko (2004, p. 19), será que não se pode tentar compreender a cidade não só pelo que ela busca ser, mas também:

(...) por aquilo que ela oculta, pelo que relega, pelo que escamoteia? Há desvãos, espaços e presenças que são como que resíduos varridos para debaixo do tapete vistoso da paisagem urbana. São seus pontos-cegos, justamente porque revelam seu avesso ou suas vísceras. Eles são o contraponto da identidade pretendida, são a sua mais completa negação, mas por isso mesmo também são a revelação daquilo que ela mais teme revelar: não a máscara exuberante, mas o rosto nu por trás da fantasia.

Ao questionar moradores sobre o que é marcante no Bairro, uma resposta recorrente diz respeito às suas casas, à sua arquitetura, em grande parte tombada como patrimônio histórico, o que tem impedido o seu desaparecimento. No entanto, não de forma isolada, meramente contemplativa: formas de viver coletivamente, dificuldades socioeconômicas nas pensões e cortiços também aparecem nos relatos, especialmente conforme as conversas avançam – o que acontece dentro das casas é importante, simbólico, e não só o que se vê de fora. Relatos desassocia uma ideia romântica do Bairro, revelando o seu lado "duro", mas também frisando a existência de alguma solidariedade, do contato mais próximo entre as pessoas, do fato de elas "se verem" nas ruas ou se falarem nos comércios. "Não sei te explicar por que, porque é região central, mas esse vínculo existe, não foi morto", disse uma moradora de 58 anos, funcionária da indústria aposentada, negra, nascida e criada ali.

Também aparece nos relatos a percepção da existência de uma ideia de bairro perigoso associada ao Bexiga, e que isso seria pertencente ao imaginário de quem não costuma circular ali no dia a dia. Nesse sentido, cabe refletir sobre como espaços mais

pobres, ocupados em grande parte pela população negra, são estereotipados, quando não criminalizados. Perseguição da polícia a moradores jovens negros também foi um aspecto colocado no depoimento de um morador. A boemia – muitos bares –, barulho constante de gente na rua e a necessidade de mais projetos sociais ainda se destacam nas conversas.



Figura 3 - Vila de casas na rua Almirante Marques Leão (esquerda) com edifício ao fundo na paisagem, 2017, e comércio na rua 13 de Maio (direita), 2018. Fotos: Adriana Casarotto Terra

As características aludidas por quem está dentro, portanto, apontam para uma complexidade do território: ele é centro, lugar privilegiado de acessos, mas nele há por vezes falta de acessos, hierarquias; ele é centro, lugar bastante verticalizado, mas as casas ainda dominam sua paisagem (muito em virtude de processos de tombamento); ele é centro, lugar onde o lazer costuma ser intramuros, mas nele há futebol de várzea e churrasco na rua; ele é centro, uma área entendida (ou que buscou-se constituir) como rica, mas não é dominado por camadas econômicas mais altas; ele tem suas construções de inspiração europeia e cantinas italianas, mas também é lugar de samba nas esquinas, de mercearias nordestinas; ele tem suas tensões e brigas, mas também tem seus elos,

suas amizades que se conservam, gente que não quer sair dali ou que teve de sair, mas lembra dali com saudades. Seu cotidiano descortina uma paisagem mais ampla.

Espaços do aproximativo: a rua como centro

Essa paisagem mais ampla e complexa se traduz em um bairro composto por lugares e territórios – moradores ouvidos falaram em "núcleos": mais ricos, mais pobres; mais brancos, mais negros; mais nordestinos, mais europeizados; mais barulhentos, mais calmos. Entendendo "lugar" e "território" aqui a partir de Santos (2006, p. 36), ao dizer que "é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica", enquanto o território implica em relações de poder (2006, p. 154):

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de as redistribuir entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço.

Sobre território, convém ainda aproximar o pensamento de Sodré (2002, p. 23, grifo nosso) quando diz que "a história da cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens", dando-se:

(...) num território, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. A ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. (...) Território é, assim, o lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. Articulando mobilidade e regras na base de um "fazer de conta", de um artifício fundador que se repete, o jogo aparece como a perspectiva ordenada da ligação entre o homem e o mundo, capaz de combinar as ideias de "limite, liberdade e invenção".



Figura 4 - Casa na rua Maria José (esquerda) e anúncio de quarto em pensão na rua Conselheiro Carrão, ruas bem próximas que se cruzam, 2019. Fotos: Adriana Casarotto Terra

Um morador ouvido na pesquisa compara o Bairro a um mosaico. Foi bastante presente nos relatos, nas conversas travadas, a ideia de o Bexiga ser heterogêneo. O que daria uma liga, costurando esses pedaços, resultando na dimensão de bairro, seriam as características citadas que marcam sua identidade e são percebidas em algum grau nesses diferentes pedaços; as relações que se estabelecem; bem como a história do próprio local ainda presente e que se comunica por meio de instituições, atividades e festas – mesmo com mudanças no espaço, tais como a abertura de avenidas ou o alargamento de ruas. Ao contrário do distrito que tem seus limites bem definidos, é importante sublinhar que a noção de bairro abarca a dimensão social, mais subjetiva. Souza (1989) diz que:

(...) o bairro pertence àquela categoria de ‘pedaços da realidade social’ que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações. (SOUZA, 1989, p. 149)

Uma questão que salta aos olhos nos depoimentos e na observação participativa é a centralidade da rua, a existência de locais que "escapam aos rigores das normas rígidas", como coloca o geógrafo Milton Santos (2006):

Ao mesmo tempo, parcelas significativas do espaço geográfico, situadas sobretudo nas cidades (especialmente as grandes cidades dos países subdesenvolvidos), escapam aos rigores das normas rígidas. Velhos objetos e ações menos informadas e menos racionais constroem paralelamente um tecido em que a vida, inspirada em relações pessoais mais diretas e mais frequentes e menos pragmáticas, pode ser vivida na emoção e o intercâmbio entre os homens é criador de cultura e de recursos econômicos. (SANTOS, 2006, p. 145-155, grifo nosso).

Os conceitos de “espaços luminosos” – “obedientes aos interesses das empresas”, regidos pela lógica mercantil-midiática, os ambientes dos “acelerados” – e “espaços opacos”, aqueles “do aproximativo e da criatividade”, produzidos pelos “homens lentos” em suas práticas cotidianas do geógrafo (2006, p. 220) também são valiosos para pensar o Bexiga diante das características ali que disputam uma ideia hegemônica de centro e bairro-produto. O depoimento do morador Jorge Luis de Souza, 40, paulista nascido no Bexiga, negro, em entrevista de abril de 2019, alude a essa resistência à "luminosidade" do espaço. Na época, ele gerenciava um bar e tocava um projeto de lazer comunitário na região:

Tem núcleos, e as pessoas que reclamam não moram aqui (...) e pelo fato de o pai ter um comércio, apartamentos, querem a valorização do imóvel, não estão preocupadas com o bem-estar das pessoas que vivem aqui. Então quer dizer que as pessoas devem viver sem nem um tipo de alegria, festa, evento? Elas têm que ter utilidades dentro do Bairro em que moram, residem, convidem. (...) Querem barrar coisas que são da natureza das pessoas que moram no Bairro. Não tem como você transformar um bairro boêmio, artístico, extremamente cultural, num bairro de classe média alta, (...) acho que esse é o sonho de muitos. Mas felizmente não vai acontecer. Porque eles não conseguem envolver todos os desejos das pessoas (...) Acho que daqui 100, 150 anos ou mais vão existir essas mesmas pessoas, netos, bisnetos, e vão continuar esse fluxo, porque é natural. (grifo nosso)



Figura 6 - Futebol em campeonato no largo Maria José, 2019 | Foto: Adriana Casarotto Terra

Na mesma entrevista, Jorge diz: "Quem só passa de carro não conhece nada daqui, agora quem anda, circula, convive, é outra pegada". Aparece em sua fala a dimensão do circular e ser parte daquele lugar. Assim como outro morador, ele se refere ao Bairro como sua quebrada – a palavra aqui não tem um sentido negativo, nem diz respeito à localização: simboliza união, pertencimento. É similar em muitos aspectos à "região" tal como colocada por Frémont (1980), sinônimo de espaço vivido – visto, apreendido, sentido. Não alienado.

A alienação esvazia progressivamente o espaço dos seus valores, para o reduzir a uma soma de lugares regulados pelos mecanismos de apropriação, do condicionamento e da reprodução social. O homem, estranho a si próprio e aos outros, torna-se também estranho ao espaço onde vive. O espaço vivido, ao contrário, deveria participar na produção dessa ideia sempre nova: a felicidade. Neste difícil caminho, devem ser afastadas duas ilusões: as nostalgias passadistas e os reordenamentos dogmáticos. Uns e outros procedem igualmente do mesmo idealismo. (FRÉMONT, 1980, p. 242)

O "vínculo que não foi morto" expresso por uma moradora indica um espaço vivido fértil, um lugar de relações mais diretas: as pessoas não são estranhas umas às

outras e ao espaço em que vivem, ou ao menos não inteiramente. A ex-moradora Silvia, mineira, 48 anos, produtora cultural, branca, diz que enxerga a Bela Vista como "a última comunidade central que lutou muito": "De pessoas trabalhadoras mesmo, de mães, famílias que lutaram tanto pra manter ali com uma cara de comunidade", disse em 2020, ressaltando a constante ameaça de espoliação devido ao aumento dos aluguéis (ela mesma não vivia mais ali quando deu a entrevista, no início de 2020) e a pobreza que a dimensão de "bairro cultural" (no sentido comercial da palavra, mercadológico) esconde.

Em dois depoimentos de campo, as experiências vividas em um mesmo pedaço, em épocas diferentes, assemelham-se. Nessa rua, a Maria José, ambos os entrevistados recordam um cotidiano de encontrar amigos, jogar bola, conversar. Reitera-se o papel que as relações sociais demonstraram ter na percepção de uma identidade de bairro. Como se houvesse uma produção do espaço a partir das decisões urbanísticas e políticas (a criação de avenidas, a construção de prédios, a abertura de uma estação de metrô, a derrubada de um conjunto de casas); uma produção ideológica do lugar a partir do que se fala, de como se fala e se propaga a imagem dele, criando imaginários e reforçando ideologias (o destaque para determinada origem, a forma como se dão as representações midiáticas e artísticas do local); e uma produção ligada ao tecido da emoção, ao espaço aberto ao acaso (SANTOS, 2006).

Cabe, por fim, diferenciar as práticas colocadas aqui – o pequeno comércio, o uso do espaço público – dos "costumes folclore" dos quais fala Frémont (1980, p. 243). Nesse caso, elas se relacionam de forma dinâmica com o espaço: não são mera reprodução do passado (o que também pode existir no mesmo local) ou um simulacro, mas modos de vida que se preservam no dia a dia, em articulação com o presente, envolvendo novos atores e contextos, fruto inclusive de necessidades e arranjos da rotina. Para muita gente, essas práticas seguem vivas porque são parte de um cotidiano que não pode ser simplesmente substituído por projetos de poder, ainda mais aqueles que não dialogam com elas, como traz a fala de Jorge.

Nessa continuidade, elas constituem história nas frestas das narrativas oficiais, disputam imaginários hegemônicos, rasuram os sentidos e as noções preestabelecidas. Escapam às normas rígidas. Sua permanência é central para entender o espaço.

Considerações finais

Em paralelo a um imaginário de centro de São Paulo da prensa, do conjunto de prédios "históricos" (os demais não têm história?), lugar de passagem e não de parada, de inspiração europeia (ainda que com partes vistas como "degradadas", necessitando "revitalização") e dos carros dominando as ruas, há o dia a dia e as suas histórias de calçada. Ao ser observado e pensado na segunda década do século XXI, como um local central e muito antigo pode ampliar a nossa compreensão sobre a Cidade, sobre os sentidos das classificações do espaço, as variadas percepções dos lugares, bem como sobre seus diversos usos?

Ao estudar o Bexiga, o artigo buscou identificar nele características que disputam tanto essa imagem de centro dos cartões postais, centro como projeto de uma modernidade, um progresso excludente; quanto essa imagem de bairro como produto, sem contradições, cenográfico, passível de ser colocado em uma caixinha. O que há nele que dribla isso tudo? Embora seja "geograficamente" central, o que lhe garante proximidade à infraestrutura e mais uma série de possibilidades de acessos, seu cotidiano, seus espaços opacos (SANTOS, 2006) apresentam outra ideia de centro, outra ideia de bairro central. Não é uma ideia nova, mas é uma ideia resistente. Também não é uma ideia meramente romântica, mas é uma ideia que engloba tanto aspectos positivos, potentes e persistentes, quanto negativos, frutos da assimetria sócio-racial que estruturou a Cidade. É uma ideia que envolve tanto olhar a diversidade, que deve ser preservada, quanto a desigualdade, que deve ser combatida.

Nas brechas que disputam o centro de São Paulo, o Bexiga se destaca por meio de uma vida intensa na rua; da criação de comunidades a partir da compreensão das dificuldades locais e da necessidade de ajuda; da relação mais próxima entre as pessoas no comércio, nas casas – muitas delas compartilhadas –, envolvendo nesse processo tensões e elos. Nessas mesmas brechas, veem-se os obstáculos que os moradores enfrentam mesmo em uma localização privilegiada. O texto buscou centralizar essas brechas, entendendo a importância do dia a dia e do espaço vivido, da região "modelada pelos homens", "vista, apreendida, sentida" (FRÉMONT, 1980, p. 17) – não a nostalgia,

não o projeto de futuro – para ler as muitas camadas que compõem as cidades, os bairros, no desafio de "desenganar o olhar".

REFERÊNCIAS

CASTRO, M. S. de. **Bexiga: Um Bairro Afro-Italiano**. São Paulo: Annablume, 2008.

FERNANDES, R. B. **Periferização socioespacial em Salvador: análise do Cabula, uma área representativa**. 1992. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

SANTOS, C. J. F. **Nem tudo era italiano – São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHNECK, S. Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931). **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 26, e. 24, 2018.

SEVCENKO, N. A cidade *metástasis* e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, n.63, 2004.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 51, 1989.

TERRA, A. C. **Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WISSENBACH, M. C. C. **Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1880)**. São Paulo: Hucitec, 1998.